

## NOVAS ANTROPOFAGIAS

---

### VI.

EU TINHA dezoito anos, ela vinte e nove, bordadeira, e vinha todas as quintas-feiras refazer os bordados das roupas de cama de mamãe, lençóis da Ilha da Madeira, lindos lindos, mas os bordados desfazendo-se aqui e ali. Chamava-se Antônia, filha de portugueses, esguia, suave, a boca delicada, os dentes pequeninos. Eu voltava do cursinho às quatro da tarde, ofegante, subia a ladeira numa corrida, medo de perdê-la porque ela saía de casa às cinco. Estava apaixonado. Um dia não aguentei: Antônia, não sei se você vai se aborrecer, mas eu te amo. Sua mãe só vai voltar às seis, pediu-me que a esperasse, e ela foi fazer compras. Sua voz era gélida. Estritamente formal. Fiquei rubro e acreditei

tê-la ofendido. Pedi desculpas e fui subindo as escadas, cabisbaixo, em direção ao meu quarto. No meio da escada virei-me para vê-la quem sabe pela última vez. Antônia estava sentada de pernas abertas, a saia azul-turquesa enrolada na cintura. Estupefato quase não acreditei no que vi, mas logo me refiz e fui descendo lentamente as escadas e abrindo a braguilha. Sentei-me nas suas coxas, eu igualzinho a uma tesoura aberta, mas antes de penetrá-la, esporrei. Sorriu mostrando os dentes pequeninos e fez com que eu me ajoelhasse diante dela. A coisa estava ali. Não havia calcinhas. Cobriu-nos com um dos magníficos lençóis de mamãe. Ela sentada. Eu ajoelhado. Antes de começar a chupá-la fiz o sinal da cruz, pedindo a Deus para ser aprovado naquela minha primeira prova. Fui. Gozou muitas vezes, e no gozo repetia ai Jesus, ai Jesus. Éramos decididamente católicos. Durante duas semanas vivi as mais feéricas quintas-feiras, porque mamãe decidiu ser quinta-feira um bom dia para fazer compras e aproveitar assim a presença de Antônia zelando pela casa até às seis. Mamãe não gostava que eu ficasse sozinho no velho casarão. Antes era um bairro grã-fino, depois infestado de puteiros e ladrões. Um dia, por artes do demo como diria o bispo, mamãe chegou às cinco e meia. E ali estávamos os dois, embaixo de um dos magníficos lençóis, Antônia de pernas abertas e eu de pau duro ainda, o linguão de fora. Foi horrível. Desmaios, vômitos, convulsões de mamãe. Até hoje (passaram-se anos) só consigo o prazer ajoelhado diante da xiriba, fazendo o sinal da cruz e pedindo à parceira que repita várias vezes ai Jesus, ai Jesus. E tem isso do lençol também. Indispensável. Mas não é preciso que seja da Ilha da Madeira. Ainda bem. Senão teria que me mudar de país, porque não conheço ninguém que ainda tenha lençóis da ilha, e mamãe num acesso de fúria doou os nossos a uma tal de dona Loira, dona de um puteiro famoso a dez quadras dali. Nunca mais vi Antônia. Mas ela, hoje nos seus trinta e nove, ainda deve estar linda, tão perfumada de cova e coxas e bem sentada em algum lugar com suas esplêndidas pernas abertas e tão intensa em seus líricos e pudorosos ai Jesus.